

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 15 | Nº 43 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.8125164>



A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS NA ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DA SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Gisele Brandelero Camargo¹

Letícia de Fátima Macedo Cabral²

Resumo

Neste texto visa-se apresentar as discussões e os resultados de uma pesquisa realizada com crianças, cujo tema foi a participação da criança na tomada de decisões no contexto escolar. Objetivou-se, com a investigação, compreender o que acontece quando a criança organiza os espaços da sala de aula, em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) de Ponta Grossa - PR. O estudo se desenvolveu no final de 2021 e início de 2022, com dezesseis crianças do último ano desse segmento. Para satisfazer o objetivo da pesquisa, os dados foram produzidos, juntamente com as crianças, por meio de observação participante, entrevista-conversa e ação de organização da sala de aula. As falas, verbais e não verbais, produzidas nessa etapa da pesquisa, foram analisadas por meio da técnica de análise da conversação e da fala. A pesquisa teve como resultados uma nova formulação de espaços pedagógicos na sala de aula, a reflexão sobre os modos de participação das crianças na tomada de decisões no contexto escolar e a legitimação das vozes, verbais e não verbais das crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil; Espaços da Sala de Aula; Participação da Criança.

Abstract

In this text, the aim is to present the results and discussions of a research carried out with children, whose theme was the child's participation in decision-making in the school context. The objective of this investigation was to understand what happens when the child organizes the spaces in the classroom, in a Municipal Center of Elementary Education (CMEI) in Ponta Grossa - PR. The study was developed at the end of 2021 and beginning of 2022, with sixteen children in the last year of this segment. To satisfy the research objective, the data were produced, together with the children, through participant observation, interview-conversation and classroom organization action. The speeches, verbal and non-verbal, produced in this stage of the research, were analyzed using the technique of conversation and speech analysis. The research resulted in a new formulation of pedagogical spaces in the classroom, reflection on the ways children participate in decision-making in the school context and the legitimation of children's voices, verbal and non-verbal.

Keywords: Child Participation; Classroom Spaces; Elementary Education.

INTRODUÇÃO

Ao compreender a instituição escolar, como um ambiente educativo imbricado nas diversas nuances políticas e sociais, observamos que tem sido lócus de investigações de diferentes áreas do conhecimento. Os profissionais que atuam nesse espaço oportunizam, enquanto sujeitos de pesquisa, possibilidades de reflexões sobre a educação escolar e tudo o que ela implica. Atualmente, percebemos que, além dos profissionais das escolas, as crianças também vêm participando, em vários níveis, das investigações científicas, das práticas pedagógicas e das tomadas de decisões no ambiente escolar,

¹ Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Doutora em Educação. E-mail: gbcamargo@uepg.br

² Professora na Educação Básica. Especialista Neuropsicopedagogia pela Faculdade Dom Bosco. E-mail: macedoleticialfm@gmail.com



apesar da conceituação história de que a criança deve permanecer à margem da sociedade por sua característica diminuto.

A hegemonia da postura adultocêntrica, que considera as crianças sujeitos minoritários, plenamente passivos e incompetentes na tomada de decisões, na agência social e na participação em pesquisas, tem sido constatada por nós, ao longo da nossa atuação profissional, em Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) de Ponta Grossa – PR.

Tal percepção tem nos afetado, pois discordamos dela. Embasadas teoricamente pelo viés da Sociologia da Infância, acreditamos que a criança é ator social, construtora de cultura, criativa, perspicaz para ler e agir no universo que a cerca. Por isso, sentimo-nos motivadas a pesquisar com as crianças em contexto escolar.

Importante enfatizar que pesquisar com crianças é diferente de pesquisar sobre, para ou por crianças. Ao considerarmos a criança como sujeito produtor de cultura e competente para produzir dados, conjuntamente com os adultos, afirmamos que fazer pesquisa com crianças pode ser uma ação compartilhada, de participação ativa e protagonista. Por entender que a participação da criança não é passiva admitimos o uso da expressão produção de dados no percurso metodológico da investigação.

Destacamos que nossa compreensão sobre participação da criança perpassa alguns estudos recentes como os da Fernandes e Marchi (2020); Sarmiento e Tomás (2020); Tomás (2007) e ainda, se ancora na Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC, 1989).

Considerando o entendimento de participação, em que a criança influencia o contexto em que está, altera as formas de pensar, sentir e agir e compartilha a tomada de decisões com os adultos e seus pares. Da mesma forma que nas pesquisas com crianças, defendemos a participação delas nas organizações pedagógicas e dos espaços escolares.

Assim, desenvolvemos nossa investigação com crianças, uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, cuja produção de dados ocorreu no final do ano letivo de 2021 e início de 2022, no contexto de uma sala de aula, com crianças de cinco anos, no último ano da Educação Infantil, em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) do município de Ponta Grossa - PR.

Com a pesquisa, objetivamos compreender o que acontece quando as crianças organizam os espaços da sala de aula, em um CMEI de Ponta Grossa. Para isso, convidamos um grupo de dezesseis crianças para participar da investigação, como sujeitos produtores de dados. Cabe destacar que esse grupo de crianças compunha a turma em que trabalhávamos como docentes e, por tanto, já tínhamos estabelecido vínculos afetivos, cognitivos e sociais com elas. Nossa relação pautava-se na autonomia das crianças, na partilha de tomada de decisões, na escuta dos diferentes tipos de falas das crianças (verbais e não verbais), e na credibilidade em suas competências para pensar, sentir e agir. As crianças



demonstravam sentir confiança na relação vivenciada conosco, e por isso, ao serem consultadas sobre o desejo de participação na pesquisa, ficaram entusiasmadas.

Para que pudessem participar, buscamos autorização dos adultos responsáveis por elas e as delas mesmas. Somente após os consentimentos e assentimentos atribuídos é que iniciamos o processo da investigação. Enfatizamos ainda, que submetemos a investigação à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa e obtivemos a aprovação para executá-la.

Optamos em investigar com as mesmas crianças que atuamos como docentes por entender que a relação de familiaridade e de confiança são favoráveis ao andamento metodológico da investigação. Consideramos que suas falas, perpassadas por diferentes formas de expressão, incluindo os movimentos, gestos, choro, euforia, silêncio, etc., revelaram a participação, intrépida e original, das crianças ao longo da pesquisa.

Assumimos então, a postura de pesquisadoras que valorizam a participação das crianças e compartilham as decisões da pesquisa com seus sujeitos. Nosso percurso metodológico estava organizado contendo como instrumentos de produção de dados, a entrevista-conversa e a observação participante, mas, ao longo do processo, as crianças confidenciaram que desejavam organizar os espaços da sala de aula e não apenas falar sobre como seria essa organização. Assim, conjuntamente, decidimos que a ação de organização da sala de aula seria mais um instrumento de produção de dados da investigação.

Essa experiência foi enriquecedora, e podemos afirmar, por meio dela, o quanto a criança é potente na criação, sensível na interpretação, observadora do contexto, produtora de cultura e organizada na tomada de decisões.

Nas seções que seguem, apresentaremos, mais detalhadamente, os momentos do percurso metodológico e as análises das falas, verbais e não verbais, das crianças no processo de produção dos dados.

O CONTEXTO TEÓRICO E METODOLÓGICO DA PESQUISA

Entendemos a escola é um ambiente educativo composto de diferentes espaços que servem de cenário para as relações sociais, políticas, culturais e educacionais. Historicamente, os espaços físicos da escola são propostos e organizados pelos adultos que lá atuam profissionalmente, no intuito de tornarem-se o lócus do desenvolvimento e da aprendizagem escolar. Todavia, a cultura adultocêntrica em sobreposição aos interesses das crianças, nas tomadas de decisões nesses contextos, torna a escola



“um depósito de crianças para os pais trabalharem, deixando suas responsabilidades a mercê dos educadores [...]” (AVELINO, 2020, p. 9).

Na maioria das vezes, a organização dos espaços escolares, nomeadamente os que correspondem à sala de aula, acontece sem a participação das crianças. Isso porquê.

A menoridade e parternalismo, profundamente implícitos [...], são perfeitamente observáveis nos quotidianos infantis nesta segunda modernidade, que continuam, em grande medida, a ser quotidianos caracterizados pela ausência de voz e acção da parte da criança e perfeitamente apropriados pela acção do adulto e dependentes da leitura que esse mesmo adulto faz sobre o ‘melhor interesse da criança. (TOMÁS; SOARES, 2004, p. 350).

Compreendemos que para discutir a questão de minoridade e paternalismo implícitos no conceito de criança e infâncias e, conseqüentemente impregnados nas formas de pensar e organizar os espaços escolares, é necessário refletir sobre a pluralidade da normatividade infantil (SARMENTO; MARCHI; TREVISAN, 2018).

A Sociologia da Infância tem trazido ao cenário acadêmico e científico esse debate por dois caminhos distintos: o da crítica da posição hegemônica e do levantamento das práticas culturais das crianças. Essas questões, incentivadas na Convenção dos Direitos das Crianças (ONU, 1989), tecem uma crítica a situação das crianças e dos seus direitos de participação nos diferentes contextos sociais

Pela proposição dessa crítica da Sociologia da Infância, compreendemos a criança como “ator social perspicaz para ler e agir, por meio dos seus movimentos corporais, o universo que o cerca, sendo competente em expressar sua opinião sobre ele” (CAMARGO, 2020, p. 26).

Acreditamos que, como sujeitos competentes, criativos e produtores de cultura, as crianças podem participar diretamente do processo de tomada de decisões, o que significa “influir directamente nas decisões e no processo em que a negociação entre adultos e crianças [...], [no] processo que possa integrar tanto as divergências como as convergências relativamente aos objectivos pretendidos e que resultam num processo híbrido” (TOMÁS, 2007, p. 49).

Dessa forma, concordamos com Larkins quando defende que a participação é

mais do que um direito, um conceito, que ajuda a pensar as formas como as pessoas comunicam, exercem poder, adquirem influência e socialmente contribuem ou experienciam a exploração. O posicionamento crítico em relação à da participação implica afastar-se das ideias do mundo liberal minoritário que sugere que a participação é uma performance que acontece em determinados lugares. As crianças comunicam e exercem influência nos espaços familiares, nas ruas, nas comunidades, nas instituições e nos relacionamentos entre profissionais-criança. (LARKINS, 2021, p. 386).

Para que haja participação da criança, nesses termos, há que se considerar as vozes, verbais e não verbais, delas. Voz é mais que som verbal. Consideramos que a criança, sujeito social, tem sua própria



voz, em seus gestos, movimentos, choro, risos, silêncios, escritas, desenhos, etc. A criança tem uma forma particular e diferente da do adulto para expressar suas vozes e, nas lógicas infantis, por vezes são marginalizadas.

Comumente observamos os adultos dizendo: vamos dar voz às crianças! No sentido de permitilas falar, mas, precisamos entender que elas nos falam, mesmo quando o som de suas verbalizações não é autorizado. Acreditamos que para pensar no significado de vozes das crianças e, por consequência na sua participação, três fatores devem ser considerados: autenticidade, diversidade e natureza da participação (JAMES, 2007).

De acordo com a autora, a autenticidade propõe que os adultos não deturpem os pontos de vista das crianças ao expressarem suas falas. Quanto a diversidade, a autora sugere cuidado com o contexto em que a fala da criança é produzida, para salvaguardar que suas vozes não sejam meras reproduções do universo de outrem. E a respeito da natureza da participação, James (2007) sugere pensarmos que a vozes das crianças devem ser incluídas e não apenas integradas. Incluir significa que o contexto se modifica para acomodar a participação e as lógicas infantis.

Considerar as falas das crianças e suas diferentes formas de participação nos contextos escolares e nas pesquisas pressupõe o compartilhamento de decisões sobre o que, para que, como, quando e com quem fazer.

Em nossa investigação buscamos o compartilhamento da tomada de decisões e ações com as crianças. Elas tiveram o primeiro contato com a pesquisa, enquanto ainda a planejávamos. Nesse processo foram convidadas a pensar juntamente com a professora pesquisadora, o que, por que, como, quando faríamos as ações da pesquisa, repensando os espaços da sala de aula em que estávamos inseridas.

No Referencial Curricular da Educação Infantil do município de Ponta Grossa- PR, há orientações para a organização da dimensão educativa do espaço dos CMEIs. Segundo esse documento e inspirados na técnica de Celéstine Freinet.

Os cantos das atividades, o espaço da escola ou sala de aula é dividido em cantos de trabalho para atividades específicas. Alguns cantos comportam apenas algumas atividades, outros podem variar, mas todos eles comportam um número limitado de alunos. Em cada canto há uma mesa ou bancada e o material necessário fica organizado e ao alcance das crianças. (PONTA GROSSA, 2020, p. 59).

Tais espaços são compreendidos pelas crianças como adequados para brincar e aprender. Foram esses espaços, constituídos de sentidos e significados, como lugares para as vivências de todos e como um ambiente educativo, que foram alterados pelas crianças produtoras de dados na pesquisa.



Nesse contexto, a pesquisa foi organizada em momentos distintos e, o percurso metodológico será apresentado na seção que segue.

Momentos do percurso metodológico

O primeiro momento da pesquisa foi uma conversa com as crianças. Nela, perguntamos quais espaços de aprendizagem gostariam de ter na sala de aula e elas responderam:

João Pedro: O espaço do Dinossauro!

Wenzo: Eu gostei, podia ter o “Tiranorex” bem grande de brinquedo.

João Pedro: É! E umas pedras e até um vulcão que sai fogo.

Marcelly: “Prô”, podia ter o espaço dos animais de estimação, tipo o doutor dos animais. Ter aquele “negocinho” de pôr no ouvido, dar injeção nos animais e cuidar deles.

Wenzo: Eu queria o espaço do policial!

Yuri: O policial é o meu símbolo

Marcelly: E também um de salão de beleza. Ter umas bonequinhas e umas coisinhas para pentear e arrumar os cabelos. (Roda de conversa, 21/10/2021).

Das cinco ideias elencadas pelas crianças, três delas foram materializadas: espaço do policial, do doutor dos animais e da beleza foram construídos em uma ação conjunta entre adultos do CMEI, das famílias e das crianças na tomada de decisão. De acordo com o Referencial Curricular da Educação Infantil do município, “Os espaços de interesse e aprendizagem [...] são espaços de brincar ou de realização de propostas direcionadas, organizadas previamente pelo professor ou por crianças, de modo que elas tenham várias possibilidades de atividades” (PONTA GROSSA, 2020, p. 131).

Com auxílio das demais turmas do CMEI, fomos construindo os espaços escolhidos pelas crianças. De algumas salas de aula emprestamos bichos de pelúcia e outros materiais necessários para compor os cantos de atividades. Esse movimento de ida às demais salas de aula exigia das crianças a fala em defesa do projeto de reorganização dos espaços da ala de aula. Os argumentos verbais e não verbais que utilizavam para contar aos seus pares, crianças do CMEI, sobre o que estavam fazendo demonstrou entusiasmo, originalidade e conhecimento.

Esse fortalecimento das expressões verbais e não verbais das crianças avançou para o segundo momento do percurso metodológico da pesquisa, que aconteceu em sala de aula como uma roda de conversa entre crianças e pesquisadoras. Respeitando as lógicas infantis, utilizando uma linguagem compreensível para as crianças, apresentamos a pesquisa como uma atividade que seria desenvolvida por elas, na interpretação, na criatividade, na autonomia.



Ao valorizarmos essas características da participação delas na pesquisa, consideramos que suas falas verbais e não verbais poderiam ser identificadas, nesse texto, pelos seus primeiros nomes verdadeiros, promovendo a autoria de suas falas concomitante a preservação de suas identidades (pessoal e familiar). Ou seja, o anonimato das crianças não condizia com a escolha metodológica da investigação, pois concordamos com Kramer (2002), quando reflete sobre a questão do anonimato das crianças que são observadas, cedem suas falas e, ao final, continuam às escuras, escondidas ou silenciadas.

Defendemos a ideia de que a participação infantil da criança está associada à fatores sociais que colocam a criança como ator social, ativo no exercício concreto da ação individual e coletiva na construção da sua identidade pessoal. Para isso, Fernandes e Marchi afirmam que

Tal fato implica que o investigador deverá mobilizar a sua imaginação objetivando conceber aproximações metodológicas que respeitem a alteridade das crianças: seus tempos, suas agendas, suas linguagens; significa, ainda, que esse investigador deverá mobilizar um comprometimento ético apurado para convocar de forma respeitosa as vozes das crianças, sem as deixar subsumidas na voz do adulto que as interpreta. (FERNANDES; MARCHI, 2020, p. 3).

Assim, no terceiro momento do percurso metodológico da pesquisa, as famílias foram envolvidas de forma online por vídeo chamada e os dezesseis representantes familiares participaram. Esse momento de diálogo com os familiares oportunizou a explicação sobre a criança ter autonomia, se sentir capaz, ter voz legitimada na sua diversidade de necessidades, desejos e preferências, pois ao se sentir incluída nas decisões sobre o contexto que ela se encontra, seja em casa, na escola/CMEI ou em outros espaços sociais, ela age com responsabilidade, criatividade e alteridade.

Dessa forma as crianças puderam repensar, juntamente com suas famílias, nos espaços da sala de aula e nas possibilidades de construção e/ou modificação deles.

Entendemos assim, que a participação das crianças

não pode ser entendida como um princípio compulsivo, mas como uma dinâmica cujo exercício depende fundamentalmente da vontade dos seus detentores; ela exige a organização de mecanismos de informação das crianças relativamente à sua situação social e de sujeito de direitos [...]. (SOARES, 2005, p. 396).

Os familiares sinalizaram esse momento como significativo para o desenvolvimento das crianças. Nós esclarecemos então, que seriam enviados os termos de consentimento para as famílias e de assentimento para a criança afim de que pudessem conversar sobre a pesquisa no ambiente familiar.

No quarto momento do percurso metodológico, organizamos um roteiro para entrevista-conversa e o enviamos para as famílias das crianças. Estabelecemos algumas perguntas iniciais, para que os



familiares vivenciassem esse momento, anotando as falas verbais e não verbais das crianças às questões. Solicitamos que os familiares gravassem em vídeo ou áudio esse momento. Consideramos importante a entrevista-conversa ter sido realizado juntamente com as famílias, no ambiente doméstico e não escolar pois, assim, as crianças poderiam compartilhar com mais adultos suas ideias criativas e exercitar sua autonomia e habilidade de argumentação no processo compartilhado de tomada de decisões.

O quinto momento do percurso metodológico da pesquisa foi marcado pela participação das crianças na definição dos instrumentos de produção de dados da investigação. Inicialmente, havíamos pensado em observar e entrevistar as crianças sobre as possibilidades de alterações na sala de aula. Entretanto, as crianças nos disseram que gostariam de realizar as transformações, ao invés de apenas falar sobre elas. Assim, entendemos que a organização dos ambientes da sala de aula, deveria ser um instrumento de produção de dados. E por isso, com a ajuda da equipe de limpeza do CMEI, retiramos todo o mobiliário, brinquedos, materiais pedagógicos, livros, cadeiras e carteiras, tapetes, etc. para que, após a limpeza da sala de aula, as crianças definissem, coletivamente, a nova configuração dos espaços e atribuíssem seus próprios sentidos ao ambiente da sala de aula.

Cabe ressaltar que, em todo o processo, todos os aspectos e discussões sobre o objeto de nossa investigação foi acompanhado por nosso olhar de observador participante e que isso contribuiu para compor as análises.

O sexto momento da metodologia da pesquisa, se referiu às análises dos dados produzidos. Para isso utilizamos a técnica de análise da conversação e da fala. Segundo Myers (2015, p. 273), a análise da conversação e da fala “[...] pode ser um passo na direção de uma pesquisa mais reflexiva, capacitando os pesquisadores a considerar o tipo de situação que eles criaram, a orientação dos participantes para com ela, e seus próprios papéis nela como pesquisadores”.

Desse modo, em seis momentos distintos e importantes, desenvolvemos a pesquisa que aqui apresentamos. Nas próximas seções do texto, seguem as reflexões e discussões emergidas das produções com as crianças.

As entrevistas

A entrevista-conversa foi uma forma da participação das crianças e de seus familiares na pesquisa. Para que pudesse ser realizada no ambiente doméstico, enviamos um roteiro de questões abertas e instruções (aos adultos) para gravação em vídeo ou áudio do momento. Orientamos aos familiares que as falas das crianças poderiam extrapolar as perguntas do roteiro, pois é nisso que consiste uma entrevista-conversa, de acordo com Saramago.



A entrevista-conversa é um momento de interação por excelência. Torna-se assim fundamental que a criança olhe para o entrevistador como um interlocutor de conversa e que tenha mesmo a oportunidade de colocar algumas questões ao entrevistador naquilo que se designa por processo de inversão de papéis. Numa situação de entrevista onde o investigador esteja ciente dos objectivos que pretende atingir, as próprias questões que a(s) criança(s) possa(m) colocar podem ser utilizadas em proveito dos temas a abordar (SARAMAGO, 2001, p. 15).

Com o intuito de obter a fala espontânea das crianças, o roteiro da entrevista foi organizado em blocos temáticos de questões e com isso obtivemos uma participação mais efetiva da criança na relação autônoma com os adultos da sua casa.

A construção dos vínculos afetivos no contexto escola família, foram observados no primeiro bloco temático de questões, em que os familiares perguntaram sobre o que valorizam e o que fazem nos ambientes da escola e da sala de aula. As crianças relacionam, em sua maioria, o uso do espaço com as ações que lá vivenciam. Assim como pode ser observado no relato da Isabele.

Familiar: O que você faz no CMEI quando chega lá? E depois, durante o dia, o que faz?

Isabele: Espero os amigos e a “prô”. Vou na sala. A gente faz a assembleia, conversamos sobre o que fizemos em casa, daí tomamos café, escovamos os dentes e fazemos a rotina. Depois brinco, faço atividade, almoço, escovo os dentes. Vamos para o momento livre de brincar, daí lanche, faço atividade, janto e espero a mãe e vou para casa (Entrevista da Isabele, novembro, 2021).

147

A rotina e ações diárias das crianças na escola são escritas na lousa em forma de listagem e figuras. Ao adentrarem a sala de aula, as crianças participam da acolhida inicial na Assembléia ou roda de conversa, observando o que é proposto para o dia. Nesse momento, são instigadas a perceberem as noções de espacialidade, temporalidade, quantificação, numeração, presenças, ausências, num exercício profícuo de letramento. Concordamos com Buss-Simão e Mafra-Rebello (2019, p. 259), quando afirmam que o “momento da roda enquanto espaço de diálogos e encontros constitui-se como uma potente possibilidade para proporcionar e garantir a participação dos sujeitos de menor idade acerca de questões que trazem implicações diretas em suas vidas”.

Ao observarmos que as rotinas escolares são apenas um dos elementos que compõem o cotidiano, percebermos que “[...] os espaços e os tempos educativos [devem ser] pensados para permitir a interatividade e a continuidade educativa. As atividades e os projetos são concebidos como ocasião de as crianças fazerem aprendizagens significativas” (FORMOSINHO; FORMOSINHO, 2013, p. 09-10).

Na vivência do cotidiano, as rotinas de brincar, explorar conhecimentos novos, se relacionar com seus pares, conhecer a si e aos outros, descobrir possibilidades nos espaços da escola são enfatizados pelas crianças, como podemos observar na fala do Yuri.



Yuri: Eu gosto de ir para o CMEI porque tem atividades legais, gosto de brincar com todos os meus amigos. A gente chega, faz a roda de conversa e toma café, daí vamos brincar. Também a gente brinca lá fora, brinca nos espaços. (Entrevista do Yuri, novembro, 2021).

Podemos constatar que a criança traz em sua originalidade a vivência do cotidiano, estabelecendo de forma articuladora às suas vontades e representações infantis, por meio das interações e brincadeiras, ou seja, as “experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização” (BRASIL, 2018, p.3) como orienta a Base Nacional Comum (BNCC).

Observamos ainda que as crianças relacionam o vivenciado no cotidiano com os espaços da sala de aula. Yuri nos ilustra isso com sua fala.

Yuri: A minha sala é tipo uma escola normal, só que é diferente, tem um espaço para brincar. Tem até uma bola colorida lá (Entrevista do Yuri, novembro, 2021).

Nessas interações a criança explora a todo momento sua cultura infantil em diversos contextos do ambiente escolar, ampliando sua compreensão como participante ativo na vivência do cotidiano, no espaço e tempo da sala de aula. Assim, “[...]resgatar a perspectiva da criança como actor social, aspecto profundamente devedor da consideração da sua participação, resultou numa imagem da criança como ser atento, construtor e reflexivo de seus quotidianos[...]” (SOARES, 2005, p. 399).

Ao pensarem as vivências que ocorrem no espaço da sala de aula, revelaram suas percepções, como podemos observar nas falas que seguem:

Familiar: Você acha que precisa mudar algo na sua sala de aula?

Ana Júlia: Não.

Emanuelly: Precisa.

Gean: Acho que não, é muito legal.

Hadassa: Sim.

Isabele: Sim, precisa de mais brinquedos.

João Pedro: Eu quero que tenha na sala de aula um espaço de Dino.

Lívia C.: Não.

Lívia F.: Sim. Na verdade, eu queria, que lá em cima daquela mesinha da minha escola tivesse um espaço do unicórnio, um monte de brinquedos de unicórnio daí nós poderíamos brincar e ia ser muito divertido. (risos)

Marcelly: Não.

Myrella: Sim



Wenzo: Não.

Yuri: Sim, precisa mudar sabe o que? Precisa mudar o espaço do videogame, já que o espaço do videogame está aqui, colocaria ele aqui, daí fica mais fácil. (Entrevista coletiva, setembro, 2021).

Na originalidade das falas das crianças, seus contentamentos e insatisfações revelam a interpretação que possuem das vivências cotidianas no espaço escolar. Modificar os espaços requer também transformações no projeto pedagógico de escola. Requer ainda considerar as potências das crianças para construir, conjuntamente, esse projeto, baseado em experiências significativas, pois é no espaço que as relações e novas formas de ação ocorrem.

Na direção de compreender a proposta de espaço das crianças para a sala de aula, propomos uma pergunta na entrevista-conversa que lhes fez pensar formas de participação

Familiar: Se você tivesse um superpoder, o que você mudaria na sua sala de aula?

Ana Júlia: Com enfeite.

Bruno: Eu mudaria. Colocaria teia.

Gean: Eu mudaria, o lugar dos carrinhos.

Hadassa: Eu mudaria o espaço dos livros e o espaço dos carrinhos.

Isabele: É, não sei! Espaço do cabelereiro. Colocaria mais bonecas, a gente teria mais coisas para brincar e para arrumar o cabelo.

João Pedro: Os carrinhos. Eu colocaria um novo espaço.

Lívia C.: A cozinha.

Lívia F.: Eu mudaria para um brinquedo de unicórnio, ter um unicórnio de verdade e tudo ser colorido.

Marcelly: Nada.

Myrella: A cozinha de brinquedo e as panelinhas de brinquedo também.

Rullian: O espaço da cozinha. Porque lá tem que fazer o espaço da cozinha mais bonito.

Wenzo: Ter “superfacilidade” para arrumar a sala ligeirinho.

Yuri: Eu deixava tudo limpo, sem nenhuma sujeira (risos) (Entrevista coletiva, setembro, 2021).

Valorizar as descobertas de mundo e diversas linguagens que a criança traz para seu cotidiano, inclui compreender seus aspectos sociais que circundam o universo infantil, como a imaginação e a brincadeira.

Percebemos que a participação da criança na educação infantil possibilita a ampliação do seu universo cultural, uma vez que no contato com outras crianças e com os adultos com hábitos e vivências culturais diversas, proporciona oportunidades de aprendizagem. Ao adulto-educador cabe, oportunizar momentos em que a criança participe de situações que envolvam a realização de pequenas ações, para



que adquira maior autonomia, oportunizando à criança a exploração do seu meio no reconhecimento de si mesma e do ambiente em que está inserida.

Como já mencionamos, as crianças expressaram o desejo de fazer algumas modificações nos ambientes da sala de aula e ao oportunizarmos isso, observamos uma ação criativa e responsável das crianças. Abordaremos a ação da organização dos ambientes da sala de aula na próxima seção.

Organização dos ambientes da sala de aula

A proposta da modificação da sala de aula, pensada juntamente com as crianças, aconteceu no início de dezembro do ano de 2021 e foi gravada em vídeo. A professora solicitou ajuda à equipe de limpeza do CMEI para que, após a higienização da sala de aula, não colocasse os mobiliários, brinquedos, livros, carteiras e cadeiras e demais materiais pedagógicos no lugar em que estavam.

Após o lanche as crianças ficaram incomodadas com a desorganização, e compreenderam que era o momento de atuarem na organização dos espaços. Orientados pelas pesquisadoras deram início as elucubrações coletivas com a finalidade de organizarem os espaços da sala de aula.

Cada mobiliário, objetos, tapetes foram ganhando um novo lugar, diferente daquele em que estávamos acostumados. Inicialmente tivemos a impressão de uma organização caótica, mas percebemos as discussões coletivas e os acordos realizados para colocar cada coisa em um novo lugar. Observamos, nas conversas do grupo, uma organização lógica e bons argumentos para manter ou alterar os objetos de lugar. Alguns objetos e mobiliários precisaram ser repensado, pois, se mantidos onde as crianças o deixaram, comprometeriam a ações da rotina escolar. As pesquisadoras, então, colaboraram com sugestões para a nova configuração. As crianças compreenderam as instigações feitas pelas pesquisadoras, discutiram entre elas e buscaram soluções para adequar os objetos nos ambientes.

João Pedro iniciou a mudança da estante. Ele deu a sugestão de colocá-la perto da vassoura, junto à porta dos fundos da sala de aula. Na coletividade iniciamos então as possíveis sugestões:

Pesquisadora: Alguém mais tem outra sugestão?

Yuri: Aqui oh! (se aproximou do quadro didático).

Lívia F: Profe a gente poderia colocar aqui (parou em frente à bancada).

Yuri: E essa mesa... (pensando).

Pesquisadora: nesse caso, a mesa vai para onde?

Yuri: Podemos deixar aqui então. (Próximo da porta de entrada/principal) (Entrevista coletiva, setembro, 2021).



Havia duas estantes na sala de aula. Uma com potes individuais de brinquedos, massinha de modelar e números em garrafas pet com elementos concretos para quantificação e na outra o livro de registro das crianças. Continham também nessa estante, potes individuais de brinquedos e caixa de revistas, então João Pedro teve mais uma ideia:

João Pedro: Aqui! (Puxou a estante e deixou um corredor para passar entre uma estante e outra)
– Assim a gente pode passar (Andou de um lado para o outro)

Wenzo: Assim! (transitou também) (Entrevista coletiva, setembro, 2021).

A decisão das crianças em organizar a sala de aula, os novos lugares em que os objetos e o mobiliário foram colocados, refletiu diretamente na ação docente, obrigando a professora a adaptar-se à nova forma de olhar a sala de aula e a sua funcionalidade. Indubitavelmente, sentimos certa dificuldade na adaptação aos novos espaços da sala de aula e em alguns momentos sentimos desejo que anular as decisões das crianças no processo dessa organização. Com Damazio, entendemos que a “criança não é melhor ou pior que o adulto, ela é diferente. Diferente porque pensa diferente” (DAMAZIO, 2010, p. 17).

Mantivemos a organização das crianças até o final do ano letivo. Entendemos que, a superação das formas adultocêntricas de agir com a criança, perpassam um movimento intrínseco, individual e constante que vai do conhecimento ao convencimento de nós mesmas, cotidianamente. Percebemos a necessidade constante desse movimento para incentivar e validar as participações das crianças nessa pesquisa e em nossa sala de aula. Mas, se não isso, não teremos alterações conceituais na perspectiva da participação das crianças no contexto escolar.

E nessa tomada de decisões conjunta entre seus pares sem a intervenção do adulto, ilustramos os espaços da sala de aula, do antes ao depois da organização criativa das crianças:

Figura 1 - A sala de aula das crianças



Fonte: Arquivo pessoal.



Ao propormos a modificação da sala de aula, percebemos algo muito original das crianças. Elas propuseram uma organização com novos espaços (cantos de atividades), e com a alocação dos objetos e mobiliários desprendida das paredes, possibilitando o trânsito fluído das crianças na sala de aula. Essa forma de observar o ambiente, com mais articulação, desprendimento, menos solidez e aderências às paredes, partiu da lógica infantil coletiva desse grupo de crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não foi por acaso a escolha do tema dessa pesquisa: a participação da criança na tomada de decisões no contexto escolar. O tema estava implícito em nossas inquietações, oriundas do nosso percurso profissional como pesquisadoras e docentes da Educação Infantil e foi ganhando espaço em nossas reflexões com os estudos desenvolvidos no Grupo de Estudo das Crianças, Cultura e Educação – GEICE. Por ocasião dos estudos do GEICE, ampliamos a possibilidade de aprofundar os conhecimentos sobre a participação das crianças no contexto escolar. Aliados a eles, a observação da potência criativa, competente das crianças em participar, por meio do compartilhamento na tomada de decisões foi fulcral para a iniciativa de fazer pesquisa com as crianças.

Na ação dessa pesquisa com crianças, ao buscarmos compreender o que acontece quando as crianças organizam os espaços da sala de aula, em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) de Ponta Grossa – PR, percebemos que elas são originais em suas vivências e por meio das interações e brincadeira significam os espaços da sala de aula, e, neles, suas relações. Por meio da participação na tomada de decisões para a organização dos espaços da sala de aula, ampliaram seu universo cultural e as oportunidades de aprendizagem, pois desenvolveram argumentos lógicos para manter ou alterar os objetos no espaço. Além disso, foi possível identificar a capacidade delas em encontrarem outros pontos de vista sobre a organização dos espaços da sala de aula, bem como na readequação, reinvenção e significação deles.

Percebemos que “a forma de organização e distribuição dos espaços da sala de aula reflete a proposta da unidade escolar, possibilitando avanços significativos no desenvolvimento integral da criança” (PONTA GROSSA, 2020, p. 130) e a participação das crianças estabelece uma lógica diferente da adultocêntrica, no uso dos espaços e nos sentidos atribuídos aos ambientes – características imprescindíveis para o compartilhamento das e nas rotinas escolares.

Por meio dessa investigação pudemos vislumbrar a criatividade e a competência das crianças em tomar decisões conscientes, em articular um debate coletivo com argumentos reais, em participar ativamente da tomada de decisões conjuntamente com os adultos. Para nós, há um indício muito forte de



que as crianças, enquanto sujeitos sociais, precisam ser incluídas nos processos de tomada de decisão e para isso, devem ter acesso às informações, em suas diferentes formas de expressão, para que, pela lógica infantil, compreendam, disseminem, defendam ou refutem os novos conhecimentos.

Entendemos que legitimar a voz das crianças, vai muito além de encontrar a originalidade das palavras delas, de ouvir suas falas e achar importante. Oportunizar a participação das crianças, refere-se a se deixar influenciar, modificar nossas ações, pensamentos e sentimentos, pelo conjunto de expressões verbais e não verbais que elas nos trazem em suas lógicas infantis. Dessa forma, considerando as lógicas infantis, seus interesses e suas maneiras de ser e estar no mundo, as relações adulto-crianças, notadamente no contexto escolar, podem oportunizar mais possibilidades de aprendizagem efetivas, com significados e sentidos próprios para ambos os envolvidos.

Acreditamos que essa pesquisa e as que virão, decorrente delas, poderão contribuir com a perspectiva da formação inicial e continuada dos professores da Educação Infantil, uma vez que visa a desconstrução conceitual da criança passiva e a defesa da criança protagonista no contexto escolar.

Assim, assumimos como importante, que o professor considere a criança como perita nas suas infâncias e que devido a isso, possuem informações e ensinamentos para nos dar. Se as ouvirmos e nos deixarmos influenciar por seus conhecimentos e culturas infantis, poderemos construir uma ação docente mais efetiva e favorecer o processo de formação de sujeitos partícipes e corresponsáveis para a escola e outras instituições sociais. Isso implica em desconstruir a ideia de minoridade e ou inferioridade das crianças e de seus conhecimentos. Uma alteração conceitual, intrínseca e individual para transformar o adulto em um sujeito capaz de ver, ouvir, valorizar e legitimar as vozes, verbais e não verbais das crianças.

REFERÊNCIAS

AVELINO, W. F. “A escola contemporânea: um espaço de reflexão e crítica”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 1, n. 3, 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em 20/06/2023.

BUSS-SIMÃO, M.; MAFRA-REBELLO, A. H. “Formas regulatórias e participação infantil: marcas de descompassos nos momentos da roda na Educação Infantil”. **Educar em Revista**, vol. 35, n. 77, 2019.

CAMARGO, G. B. **A travessia da Educação Infantil para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental: a experiência da criança** (Tese de Doutorado em Educação). Curitiba: UFPR, 2020.

DAMAZIO, L. R. **O que é a criança**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2010.



FERNANDES, N.; MARCHI, R. C. “A participação das crianças nas pesquisas: nuances a partir da etnografia e na investigação participativa”. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 25, 2020.

FORMOSINHO, J. O.; FORMOSINHO, J. **Pedagogia-em-Participação: A perspectiva Educativa da Associação Criança**. Porto: Editora Porto, 2013.

JAMES, A. “Giving voice to children’s voices: practices and problems, pitfalls and potentials”. **American Anthropologist**, vol. 109, n. 2, 2007.

KRAMER, S. “Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças”. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, 2002.

LARKINS, C. “Participação”. In: TOMÁS, C. *et al.* **Conceitos chaves em Sociologia da Infância: perspectivas globais**. Braga: Editora Uminho, 2021.

MYERS, G. “Análise da conversação e da fala”. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Convenção dos Direitos das Crianças**. Brasília: ONU, 1989. Disponível em: <www.onu.org>. Acesso em 20/06/2023.

PONTA GROSSA. **Referencial Curricular: Educação Infantil**. Ponta Grossa: Secretaria Municipal de Educação, 2020.

SARAMAGO, S. S. S. “Metodologias de pesquisa empírica com crianças”. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 35, 2001.

SARMENTO, M. J.; MARCHI, R.; TREVISAN, G. “Beyond the modern norm of childhood: children as the margins as a challenge for the sociology of childhood”. In: BARALDI, C.; COCKBURN, T. (eds.). **Theorizing Childhood: citizenship, rights and participation**. Milton Keynes: Palgrave-Macmillan, 2018.

SARMENTO, M. J.; TOMÁS, C. “A infância é um direito?” **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto** [2020]. Disponível em: <www.letras.up.pt>. Acesso em: 23/06/2023.

SOARES, N. F. **Infância e Direitos: Participação das Crianças nos Contextos de Vida – Representações, Práticas e Poderes** (Tese de Doutorado em Estudos das Crianças). Braga: Universidade do Minho, 2005.

TOMÁS, C. “Participação não tem Idade”. **Revista Contexto e Educação**, vol. 22, n. 78, 2007.

TOMÁS, C.; SOARES, N. F. “Infância, protagonismo e cidadania: contributos para uma análise sociológica da cidadania da infância”. **Fórum Sociológico**, n. 11, 2004.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 15 | Nº 43 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima